

**“SHEEKO SHEEKO SHEEKO XARIR: HISTÓRIA HISTÓRIA OH HISTÓRIA DE SEDA”...DE EXPERIÊNCIAS ENTRE ANGOLA, BRASIL E GUINÉ-BISSAU**

JO A-mi <sup>1</sup>  
Fátima Wonene SONETO<sup>2</sup>  
Fidel CÁ<sup>3</sup>

Recebido: 28/08/2024  
Aprovado: 20/10/2024

**Resumo**

Este artigo problematiza uma experiência literária tomada por trocas de vivências intercontinentais que abrigam trajetórias de vidas de duas pessoas discentes na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-CE). Tal partilha moveu-se a partir de um mapa, que também se configurou numa metodologia, construído a partir da forma narrativa do livro *Minha casa é onde estou* (2018), de Igiaba Scego. Noções acerca de constituição de saberes e colonialidade (MIGNOLO, 2003), racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) e fronteiras culturais (BHABHA, 1998) atravessam esse texto.

**Palavras-chave:** Literatura; Experiência literária; trajetórias de vidas.

**“SHEEKO SHEEKO SHEEKO XARIR: HISTORIA HISTORIA OH HISTORIA DE LA SEDA”... DE EXPERIENCIAS ENTRE ANGOLA, BRASIL Y GUINEA-BISSAU**

**Resumen**

Este artículo problematiza una experiencia literaria extraída de intercambios de experiencias intercontinentales que abarcan las trayectorias de vida de dos estudiantes de la Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-CE). Este compartir se basó en un mapa, que también tomó la forma de una metodología, construida a partir de la forma narrativa del libro *Minha casa é onde estou* (2018), de Igiaba Scego. Nociones sobre la constitución del conocimiento y la colonialidad (MIGNOLO, 2003), el racismo estructural (ALMEIDA, 2018) y las fronteras culturales (BHABHA, 1998) impregnan este texto.

**Palabras clave:** Literatura; Experiencia literaria; trayectorias de vida.

**INTRODUÇÃO**

Esse texto se caracteriza como uma experiência literária tomada por trocas de vivências intercontinentais que abrigam trajetórias de vidas em três países diferentes: concretamente, Guiné-

<sup>1</sup> Professora-pesquisadora da Unilab-CE (no Instituto de Humanidades e no Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente) e da UFC (no Programa de Pós-Graduação em Artes). E-mail: joami@unilab.edu.br;

<sup>2</sup> Estudante de graduação do Curso de Enfermagem, da Unilab, e ex-bolsista do PIBIC/Cnpq/Unilab. E-mail: fsoneto03@gmail.com;

<sup>3</sup> Estudante de Licenciatura Plena em Letras/Língua Portuguesa, da Unilab, e ex-bolsista do PIBIC/Cnpq/Unilab. E-mail: fideljorgeca@gmail.com;

JO, A-mi; SONETO, Fátima Wonene; CÁ, Fidel. “SHEEKO SHEEKO SHEEKO XARIR: HISTÓRIA HISTÓRIA OH HISTÓRIA DE SEDA... de experiências entre Angola, Brasil e Guiné-Bissau. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

Bissau, Angola e Brasil. Tal partilha moveu-se a partir de um mapa, que também configurou-se numa forma-de-fazer da vivência: o livro *Minha casa é onde estou* (2018), de Igiaba Scego. Neste, a escritora constrói uma autobiografia ficcional a partir de um mapa (ficcional? Não importa!) de sua “Mogadíscio de papel” onde as memórias contadas e sentidas de sua Somália ancestral se unem às vivências na Itália, país de nascimento. Desta forma, o/a leitor/a verá aqui uma experimentação, uma viagem feita nos cotidianos e movida por referências que integram a relação memorialística de duas pessoas em formação acadêmica (na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira) – Fátima Soneto (angolana e aluna do curso de enfermagem) e Fidel Cá (guineense e aluno de Licenciatura em Letras) - com a obra da escritora Igiaba Scego.

### **1. SHEEKO SHEEKO SHEEKO XARIR: FÁTIMA SONETO NO COMEÇO DO CAMINHO**

Antes de falarmos de um início nos caminhos de Fátima Soneto explicaremos, com Igiaba Scego, que “Sheeko sheeko sheeko xarir” é uma expressão somali que significa “história história oh história de seda” e que tem as mesmas nuances anunciativas do prenúncio “Era uma vez...”, dos contos de fadas ocidentais. A autora explica: com “Sheeko sheeko sheeko xarir” “(...) começam todas as fábulas somalis. Todas as que minha mãe me contava quando eu era criança. Fábulas que, principalmente quando torcidas, jorravam sangue” (SCEGO, 2018, p.07). Assim, “Sheeko sheeko sheeko xarir”...: no dia em que Fátima Soneto nasceu seu primo cozinhou funje de fubá de milho branco com kizaca (folha de mandioca), peixe seco (sem tirar o sal!) e ainda acrescentou mais sal para a mãe de Fátima Soneto comer. “Que situação!” - pensaram todos. Na manhã do dia primeiro de março, do ano 2000, numa quinta-feira, a mãe de Fátima Soneto entrou em trabalho de parto; mais precisamente, às 10 horas e passou o dia inteiro com contrações. Por volta das 15 horas, o pai da criança decidiu levar a esposa à maternidade – até ali, eles não sabiam o que fazer. Às 22h08, na sala de parto, Fátima Soneto chegou ao mundo com choros fortes, trazendo alívio à dor que sua mãe sentia e muitas alegrias, também. Do lado de fora da sala estava o pai que, ouvindo o choro de criança, alegrou-se. O primo Zinho, que cozinhou funje de fubá de milho branco com kizaca, peixe seco (sem tirar o sal!) e ainda acrescentou mais sal, levou a experiência gastronômica ao hospital. Deram a comida à mãe da menina que se assustou com o sabor e cuspiu o peixe extremamente salgado de volta ao prato. Com o passar do tempo essa história foi ficando engraçada, e sempre que lembravam do

JO, A-mi; SONETO, Fátima Wonene; CÁ, Fidel. “SHEEKO SHEEKO SHEEKO XARIR: HISTÓRIA HISTÓRIA OH HISTÓRIA DE SEDA... de experiências entre Angola, Brasil e Guiné-Bissau. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

nascimento de Fátima Soneto não podiam esquecer do peixe salgado do primo Zinho. Chamaremos, aqui, Igiaba Scego (2018, p.10) que também relata sua própria experiência familiar com a gastronomia:

Nura, minha cunhada, tinha preparado um frango suntuoso. Foi assim que tudo começou. Um animal comum, grasnante e com penas, e além do mais morto, recheado de guloseimas e espalmado com unguentos. Eu odeio frango. Como-o apenas por hábito, mas sempre me pareceu um prato supervalorizado. Não tem gosto de nada, lembra-me um corredor de hospital ou a fila de refeitório de empresa, repleta de frustrações. É nutrição, não é prazer.

Peixe ou frango, mesmo trazendo dissabores, carregam memórias do início: nascimento de Fátima Soneto e construção do mapa de lembranças de Igiaba. Há também outras intersecções que precisamos destacar nesse caminho de começos: o primo Zinho, primogênito de oito filhos, foi morar com a família do tio (isto é, com a família de Fátima Soneto), que, como quase todo tio africano, abrigou o sobrinho para ajudar com as despesas financeiras da irmã. Fátima Soneto sempre viu Zinho como um irmão e, para ela, foi muito difícil ficar longe do primo-irmão quando este se casou. Quando Igiaba constrói o mapa o faz a partir do encontro, da convivência de um pequeno grupo formado pelo irmão Abdulcadir, o sobrinho Mohamed Deq e o primo O., com sentimentos fronteiriços entre melancolia, tristeza, choro e alegria que “Chico Buarque, o poeta e cantor brasileiro, teria certamente definido o sentimento como *saudade*. (...) E é nessa saudade de exilados da nossa própria terra mãe que acontece um dos começos dessa história” (SCEGO, 2018, p.11). O pequeno grupo migrante reunia-se entre perdas e lamentos pela Somália alvoroçada por uma guerra civil começada nos idos de 1991 para contar suas histórias no Reino Unido (onde Abdulcadir se estabeleceu), Finlândia (que o primo O. adotou por necessidade de sobrevivência e depois abandonou) e Itália (terra dos ex-colonizadores da Somália, mas a pátria que a escritora passara a chamar de sua).

O tempo foi passando, porém, e Fátima Soneto foi crescendo e refletindo sobre a realidade em que estava inserida. Para chegar até aqui, neste ponto da narrativa, Fátima Soneto fecha os olhos e se lança no tempo: um tempo desacelerado, quieto, querendo fazer do tempo de hoje (um dia de agosto de 2024) – que é turbulento e que “retira as espessuras das experiências que vivemos no mundo, afetando inexoravelmente nossas noções de história, de memória, de pertencimento” (CANTON, 2009, p.20) – um outro tempo. Para alçar as memórias, a garota angolana lança-se num tempo que respeita pausas, falhas, incertezas, ciclos porque “o pensamento carece de um silêncio. É JO, A-mi; SONETO, Fátima Wonene; CÁ, Fidel. “SHEEKO SHEEKO SHEEKO XARIR: HISTÓRIA HISTÓRIA OH HISTÓRIA DE SEDA... de experiências entre Angola, Brasil e Guiné-Bissau. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

preciso poder fechar os olhos” (HAN, 2021, p.29-30); assim, Fátima Soneto se lança no tempo do silêncio e rememora que, decidida a sair daquela realidade, torna os estudos um objetivo de vida. Seu pai sempre dizia que ela precisava estudar para ter uma vida melhor. A violência nas ruas dos *musseques* de Luanda, a falta de recursos e a incerteza do amanhã faziam-se companheiros constantes impelindo-os a almejem uma vida melhor - aliás, “*mussequ*, do *kimbundu* [dialeto angolano], significa areia vermelha; era um termo utilizado para identificar *cubatas* [casas, em *kimbundu*] situadas no entorno da cidade em zonas periféricas, que serviam de refúgio para a população nativa e de baixa renda” (ANDRÉ; LUZ, 2022, p.02). Fátima Soneto e sua família nunca perderam a determinação de projetar um futuro diferente para suas vidas. Ampliar o sentido de existência dos seus e de si mesma, estudar, adquirir mais conhecimentos, especializar-se, amadurecer nas experiências com o mundo foram as motivações que fizeram Fátima Soneto se mover para fora das fronteiras físicas dos *musseques* e atravessar o Atlântico até o Brasil: cumprindo o destino migratório de milhares e milhares de pessoas ao redor do mundo.

Homi Bhabha (1998, p.19) afirma, sobre fronteiras demográficas e existenciais no mundo, que “nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de “viver” nas fronteiras do presente (...)”; seja por perseguições político-econômicas, histórias dissonantes e/ou dissidentes de minorias sociais, “a demografia do novo internacionalismo é a história da migração pós-colonial”, onde se redefinem “culturas nacionais homogêneas” e se encontra a “evidência esmagadora de uma visão mais transnacional e translacional do hibridismo das comunidades imaginadas” (BHABHA, 1998, p.24) atravessadas por diversas identidades de gênero, práticas religiosas e complexas camadas de classes sociais. Assim, saíram de Angola o primo Zinho - que também se esforçou bastante, juntou dinheiro e saiu dos *musseques* com sua família para Portugal e cuja imagem junto dos pais e irmãos no aeroporto, despedindo-se (sem saber quando se reencontrariam) ainda reverbera - e Fátima Soneto, que veio para o Brasil: tornando-se, oficialmente, emigrantes.

Chegando ao Brasil, Fátima Soneto ansiava por encontrar o mesmo significado das coisas que conhecia em Angola, mas estava enganada. No Brasil, por um lado, cultura e língua se processam diferentes de Angola: a garota angolana trouxe consigo as lembranças e a cultura do lugar de onde vinha e passou a enfrentar diversos desafios para se adaptar ao novo país, dentre os quais: poder estudar em uma universidade lusófona e ter contato com pessoas de várias partes de África - dentro

JO, A-mi; SONETO, Fátima Wonene; CÁ, Fidel. “SHEEKO SHEEKO SHEEKO XARIR: HISTÓRIA HISTÓRIA OH HISTÓRIA DE SEDA... de experiências entre Angola, Brasil e Guiné-Bissau. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

da universidade é, principalmente, a comunidade de estudantes africanos/as, os/as veteranos/as que auxiliam os/as novatos/as no processo de adaptação, inclusive na resolução de problemas diplomáticos (enfrentados no ato da chegada à universidade, como a entrega de documentos etc.) e estruturais (alocações, auxílios e assim por diante); e aprender sobre culturas dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) a partir de um outro país, o Brasil.

Por outro lado, porém, Brasil e Angola se processam de forma semelhante nas evidências deixadas pelo processo violento de colonização e colonialidade lhes impetrado por Portugal, deixando marcas determinantes na formação e constituição dessas nações: marcas da colonização, ou seja, do sistema estruturado e estruturante de forças políticas, econômicas, sociais e culturais que se impõem como projeto global (no qual a palavra “eurocentrismo” tão bem o reverbera), narrativa única de uma semiose colonial na forma de “modernidade”, que “consiste tanto na consolidação da história europeia (projeto global) quanto nas vozes críticas silenciadas as colônias periféricas (histórias locais) (...)” (MIGNOLO, 2003, p.155); marcas da colonialidade, isto é, condições estruturais-simbólicas que desconhecem e desfazem os saberes locais (ancestrais, culturais, filosóficos, literários, dentre outros) de nações colonizadas impetrando aí uma relação de subserviência e subalternidade na relação com os saberes considerados “globais” do colonizador ocidental:

A colonialidade, então, se refere à ideia de que, mesmo com o fim do colonialismo, uma lógica de relação colonial permanece entre os saberes, entre os diferentes modos de vida, entre os Estados-Nação, entre os diferentes grupos humanos e assim por diante. Se o colonialismo termina, a colonialidade se propaga de diferentes formas ao longo do tempo (TONIAL; MAHEIRIE; GARCIA JR., 2017, p.19).

O sentimento de não pertencimento ainda pulsa forte. Há olhares e atitudes que refletem, cotidianamente o racismo: isto dói na pele e na alma. O tempo não-linear das memórias reinventam as vivências no Brasil com as lembranças da terra-mãe e as raízes que moldaram Fátima Soneto.

## 2. *História história oh história de seda: Fidel Cá dando os primeiros passos*

Desde muito pequeno, antes mesmo que Fidel Cá tivesse a noção sobre o que seria a vida, houve/ouve diferentes histórias dos familiares, algumas boas, outras nem tanto. Nascido em Guiné-Bissau no dia 25 de maio (mesmo dia em que a África comemora o (re)nascimento), na região de Biombo, numa tabanca cujo nome Blim-Blim (setor de Ondame), Fidel Cá foi chamado pela madrastra

JO, A-mi; SONETO, Fátima Wonene; CÁ, Fidel. “SHEEKO SHEEKO SHEEKO XARIR: HISTÓRIA HISTÓRIA OH HISTÓRIA DE SEDA... de experiências entre Angola, Brasil e Guiné-Bissau. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

de Ntembuir Omundo: que significa o “observador de túmulo de Omundo”, na etnia *pepel*. À ocasião, a madrasta havia perdido o filho biológico e, na tradição da etnia *pepel*, quando um ente da família morre e num espaço de pouco tempo outro nasce, costuma-se dizer que quem faleceu voltou na figura da criança recém-nascida. Sob esta tradição, Fidel Cá foi batizado - o que significa que se tornou um substituto de seu irmão falecido. A madrasta fizera-se mãe e o amou muito (como se fora o filho biológico), mas esta relação não foi fácil de se entender em sua tabanca (comunidade). A essas lembranças vivas da infância enunciaram-se outras, ao ler a narradora de *Minha casa é onde estou* dizendo:

Era uma vida dura a que mamãe Kadija levou até os seus nove anos. Ainda jovem, já era uma boa pastora. Ordenhava cabras e vacas, cuidava dos camelinhos, cozinhava o arroz com carne e nunca reclamava dos calos nos pés que lhe surgiam a cada migração que fazia com sua enorme família. As histórias eram a melhor forma de não pensar nas dificuldades da vida real ( SCEGO, 2018, p.08).

Lendo Igiaba Scego lembrou-se do pai, de nome Jorge Cá, que criava vacas e porcos. Jorge Cá foi pastor por um bom tempo. A criança tentava ajudar o pai, porém, naturalmente, não conseguia acompanhar o adulto que, por vezes, esquecia-se de dar a alimentação para os animais; já seus irmãos estavam distantes na cidade de Tchilana - onde o pai criou uma horta que os sustenta até hoje. Fidel Cá só ia lá ver os irmãos no período de férias, juntamente com o pai - que o levava como uma “bolsa de viagem”. Em outro momento, folheando as páginas escritas por Igiaba Scego pode-se ler:

Ir ao estádio Olímpico para ver a Roma era uma razão de viver. E digo mais: naquela razão de viver estava encerrada toda a salvação de meu pequeno “eu” daquela época. Naqueles anos, o rei incontestável de Roma era Rudi Voeller, o alemão voador: ele disputou cento e quarenta e duas partidas e marcou quarenta e cinco golos com a camiseta auri-rubra. Lembro-me de um jogo memorável, que ficou gravado a ferro e fogo na minha alma, que foi decidido com um soberbo pênalti de cavadinha ( SCEGO, 2018, p.122).

A leitura literária atravessou nas memórias de Fidel Cá o antigo desejo de ser um grande jogador de futebol. Queria ser jogador para tirar os pais dos trabalhos duros que tinham de enfrentar, cotidianamente. Naquela época, o garoto passou a levantar todas as manhãs bem cedo para ir ao treino no estádio de Netos de Nkanandé (nome de um famoso jogador de futebol da região); o futebol tornara-se algo que o ajudava a esquecer os problemas que enfrentava todos os dias. O estádio tornara-

se eterno em sua memória porque era motivo de alegria e conforto. Alguns anos depois, contudo, o menino guineense entendeu que não seria por meio do futebol que conseguiria se expressar como desejava e aí veio a poesia.

Fidel Cá começou a se identificar com a poesia. Na igreja que frequentava havia alguns/mas poetas que costumavam declamar versos poéticos e versículos bíblicos, além de apresentações teatrais. Essas experiências fizeram com que o garoto guineense quisesse adentrar nos ensejos poéticos: menos de um ano depois, Fidel Cá venceu seu primeiro concurso de declamação de poesia.

Em meio aos sonhos e desejos individuais havia, também, a situação social em consequência da luta de libertação nacional em Guiné-Bissau dos idos dos anos de 1970. A luta trouxe muitas esperanças para todos/as os/as guineenses, mas ainda hoje o povo carrega as marcas das perversidades econômicas, psíquicas, culturais e sociais herdadas de Portugal, o país colonizador. Com as memórias trazidas pelo pai, do mesmo modo, a narradora de Igiba Scego desabafa:

No dia 1º de abril de 1950, em Mogadíscio, lembro-me como se fosse hoje”, papai disse-me outras vezes, “nos emocionamos todos, ainda que tudo estivesse errado. Nossa independência nos parecia mais próxima! Naquele dia, parecia que podíamos tocá-la com nossos dedos, próxima como a lua e as estrelas, às quais, no Equador, basta esticar as mãos”. O que parecia completamente errado para o meu pai era o fato de ainda estarmos sob tutela, e pior ainda, sob tutela italiana (SCEGO, 2018, p.44).

As liberdades cerceadas e as dificuldades sociais fizeram com que Jorge Cá enviasse os filhos para estudarem em Bissau, a capital do país. Desde cedo, Jorge Cá lutou para o manter os filhos focados nos estudos: os vizinhos até chegaram a zombar, a ficarem zangados com a postura do pastor daquela tabanca. Em Blim-Blim, as pessoas não acreditavam muito na importância dos estudos. Nas lembranças, ressurgem alguns diálogos: “Ele pensa que é inteligente! Mandou os filhos para estudarem na cidade e quer que os nossos filhos o ajudem no trabalho!?”; “ele é louco: por que confia numa coisa que os brancos criaram?”. Ora, a dureza dos dias na luta pela sobrevivência e o processo de colonialidade vinham à tona nessas inquietações coletivas.

A situação em Bissau não foi fácil. Para terminar o ensino secundário, Fidel Cá começou a trabalhar em dois lugares: na tecelagem e numa escola primária; na tecelagem tinha que vender o *panu di pinti* (isto é, “pano de pente”, tecido produzido, manualmente, por meio de um tear [ou pente, como é chamado na Guiné]), que tem grande importância cultural e simbólica para o povo guineense

JO, A-mi; SONETO, Fátima Wonene; CÁ, Fidel. “SHEEKO SHEEKO SHEEKO XARIR: HISTÓRIA HISTÓRIA OH HISTÓRIA DE SEDA... de experiências entre Angola, Brasil e Guiné-Bissau. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

– especialmente, como oferenda honrosa em cerimônias religiosas, matrimoniais, fúnebres e festividades diversas) num valor elevado (num valor que o pano deve ser vendido!); mas jovem e com as necessidades de sobrevivência à porta, passou a vender os tecidos no valor que lhe fossem oferecido: tinha que vendê-los! Esta nova realidade na capital, morando na casa do primo João Martinho Té, foi dura, mas também ajudou Fidel Cá a crescer como homem. Novamente, o livro *Minha casa é onde estou* ecoou:

Começou seu primeiro trabalho com catorze anos: vendia relógios no porto. Fizera um acordo com alguém que fabricava relógios a baixo custo, oferecendo-se não como trabalhador braçal, mas sim como sócio daquela empresa improvisada. “Se eu não conseguir vender, não precisa me pagar nada. Mas se eu vender, deve me dar o que me é de direito, nem um xelim a menos”. Os negócios foram bem por um certo tempo (SCEGO, 2018, p.38).

O menino guineense, no entanto, passou a entender que estudar deveria ir além do ensino secundário. Assim, em 2023, mudou-se para o Brasil para se formar em Letras, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Antes de chegar ao Brasil, a imaginação do jovem poeta dava saltos animada por novelas e filmes que vira sobre esse país, em Guiné-Bissau; chegando ao Brasil, logo se deparou com uma de suas primeiras dificuldades: a diversidade linguística. O português brasileiro não era o mesmo português pronunciado em terras guineenses (impetrado por Portugal), o que dificultou/dificulta a comunicação entre o estudante africano, colegas e docentes. Essa realidade nos faz lembrar as palavras de Marcos Bagno:

Na língua falada, as diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil são tão grandes que muitas vezes surgem dificuldades de compreensão: no vocabulário, nas construções sintáticas, no uso de certas expressões, sem mencionar, é claro, as tremendas diferenças de pronúncia — no português de Portugal existem vogais e consoantes que nossos ouvidos brasileiros custam a reconhecer, porque não fazem parte de nosso sistema fonético (BAGNO, 2008, p.23).

As questões linguísticas, porém, não têm marcado as únicas diferenças visíveis na convivência do estudante guineense no Brasil. Outras formas se afirmam no restaurante universitário e nos ônibus intercampi, por exemplo - quando estudantes brasileiros/as e africanos/as, raramente, dividem a mesma mesa ou poltrona-dupla. Às vezes, Fidel Cá gosta de imaginar que gostaria de ser brasileiro de origem, para poder ser aceito pelos/as brasileiros/as e partilhar a mesma comida e a mesma poltrona. Essas inquietações não são coincidências contextuais, mas falam de um longo processo de JO, A-mi; SONETO, Fátima Wonene; CÁ, Fidel. “SHEEKO SHEEKO SHEEKO XARIR: HISTÓRIA HISTÓRIA OH HISTÓRIA DE SEDA... de experiências entre Angola, Brasil e Guiné-Bissau. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

relação internacional (entre nações africanas e o mundo) e racismo estrutural brasileiro. Neste sentido, Silvio Almeida (2018, p.38-39) nos alerta:

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. (...) *como processo histórico e político, cria as condições para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática* [grifos do autor].

Estas palavras sobre o racismo estrutural se ampliam ao lermos a confissão da narradora de *Minha casa é onde estou* que, como Fidel Cá, sente a máquina racista diariamente:

A minha pele e a minha bunda, definitivamente africanas, eram obstáculos. A minha diferença era uma tortura. Naquela época, eu pagaria para ser como os demais, anônima. Nunca sonhei em ter a pele branca, isso nunca, mas eu me imaginava transparente. Algo que os outros pudessem perceber como neutro. No entanto, eu era negra, tinha cabelos encaracolados e, de neutro, talvez tivesse apenas as unhas dos pés. Eu aparecia demais no meio de todo aquele branco. Sentia-me um marcador entre as linhas bem ordenadas, todas brancas. Só dava eu. E não do jeito certo. Não como eu queria que fosse (SCEGO, 2018, p.134-135).

Em meio a tudo isso, porém, Fidel Cá encontrou semelhanças: estando no Ceará, a cidade que acolheu Nté (apelido de Ntembuir Omundo ou Fidel Cá), vêm lembranças de Guiné-Bissau quando o jovem estudante sente o clima, degusta algumas frutas ou mesmo quando faz fotografias pelos lugarejos – houve uma ocasião, inclusive, em que fez uma foto de si numa determinada localização da cidade cearense e os parentes, ao verem a imagem, pensaram tratar-se de uma foto ainda registrada no país de origem do garoto guineense. Nesses entremeios, Fidel Cá ou Ntembuir Omundo (filho Omundu Té e Jorge Cá) dá-se conta que Brasil e Guiné-Bissau poderiam ter mais coisas em comum do que se imagina.

## CONCLUSÃO

As experiências literárias com Igiaba Scego no livro *Minha casa é onde estou* fizeram deste texto literário uma significativa ponte para muitas memórias. Ler essa autobiografia literária nos fez pausar pelos *musseques* de Luanda, pelas ruas de Bissau, pelas praças de Redenção (Ceará), pelas línguas nativas e exógenas, pelos cheiros e expressões familiares. Olhar para o Brasil (no Brasil!), a

partir disso tudo, abriu-nos camadas de existência que foram além da formação acadêmica numa universidade, pois nos trouxeram reflexões sobre nossos saberes locais (em contraposição aos saberes impostos como globais) e suas manifestações linguísticas e identitárias. Como a personagem criada por Igiaba Scego, entendemos que nossos mapas não são nada coerentes e equilibrados. São mapas, e, por isto, guardam linhas e ranhuras próprias do caminho.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ANDRÉ, Bianca Vasconcelos; LUZ, Vera Santana. O fenômeno das zungueiras, a segregação urbana e a consolidação dos musseques em Luanda, Angola. **Labor & Engenho**, Campinas, São Paulo, v.16, 2022, p.1-18.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 49ª Ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CANTON, Kátia. **Tempo e memória.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- SCEGO, Igiaba. **Minha casa é onde estou.** São Paulo: Editora, Nós, 2018.
- TONIAL, F.; MAHEIRIE, K.; GARCIA JR., C. “A resistência à colonialidade: definições e fronteiras”. **Revista de Psicologia da UNESP**, 16 (1), Assis, jan./jun., 2017, p.18-26.